

lidão: terapeutas, egípcios e essênios da Palestina, tlamacascos aztecas, anacoretas cristãos, monges budistas, vanaprastas hindús, — partem sós e em bandos para o deserto, soterram-se em cavernas, ou reúnem-se em comunidades monásticas, impõem-se leis severas, amarram-se a colunas, estendem-se sobre tábuas de tortura, fecham-se dentro de estreitas gaiolas de ferro, — tudo isto só com um único alvo: tornar seu espírito senhor do corpo e de seus instintos animais.

A partir de Pitágoras, aquele primeiro grande "mestre do medo", o receio em face dos sentidos constituiu o elemento essencial da filosofia antiga. Socráticos, cínicos e estóicos, todos ensinam a evitar cuidadosamente os prazeres animais. "Antes enlouquecer do que sucumbir ao desejo" — eis as palavras em que se manifesta todo o medo dos antigos filósofos ao instinto. No que diz respeito a Platão, este medo vai tão longe que pretende excluir a Arte de seu Estado ideal por ser demasiadamente ligada à sensualidade.

Plutarco nos revela que, mesmo nas orgias da civilização greco-romana, que nos dão uma impressão tão nítida de alegria sensual, a angústia sexual vibra "ambivalente", pois acha indispensável justificar semelhantes explosões ocasionais da concupiscência pelo argumento de que "afrouxamos também as cordas dos arcos e das harpas para poder tendê-las tanto mais firmemente".

Antes do catolicismo ter principiado sua obra de esconjuração do Medo, o sentimento do cristão ante o impulso sexual foi o de um terror pânico. Com efeito, a partir dos primeiros santos padres, todos os pensadores cristãos tinham invocado o inferno e a danação para manter afastada dos prazeres sensuais a natureza corrupta.

Já Paulo nos ensina que, desde o pecado original, a voluptuosidade se encontra em perpétua rebelião contra o espírito e que, por este motivo, torna-se indispensável jamais deixar de temê-la, vigiá-la e evitá-la.

Tertuliano, Irineu e Orígenes estão convictos de que o diabo reside "abaixo da cintura" e que o homem, nascido em meio dos pecados somente pode lavar os seus "sordes peccati" graças à repressão de cada veleidade sensual.

Tôdas as funções sexuais são consideradas pelas doutrinas do cristianismo primitivo como perigosas. Seu olhar recoso enxerga no regaço da mulher a porta do inferno. A beleza da mulher é para eles um instrumento de Satanaz. Chegam até a condenar o casamento para que nada venha despertar no homem as forças perigosas da sensualidade.

"Derribar a floresta do casamento com o machado da virgindade" — eis o alvo de São Jerônimo. Entusiasmado, conta o caso duma moça chamada Anselma, que nunca levantara os olhos para a face dum homem e cujos joelhos eram tão duros como os de um camelo, de tanto ter rezado ajoelhada.

A legislação secular não tarda em esposar estas opiniões dos escritores cristãos. Assim é que os primeiros imperadores cristãos decretam que seja derramado chumbo fundido na garganta das proxenetas e que a sedução seja punida de morte para o sedutor e sua vítima.

Os padres, como bons psicólogos, perseguem o instinto sexual até nas suas sublimações mais afastadas. Não somente combatem o que é notoriamente sexual, mas tudo aquilo que possa ocasionar um prazer aos sentidos e assim aproximar o homem do inferno.

O Jeová do Velho Testamento já tinha ameaçado as filhas de Sião de cortar-lhes os cabelos e arrancar-lhes os adornos. A advertência do apóstolo Paulo para que as mulheres não se enfeitem "com tranças, ouro, pérolas ou vestidos ricos", agrava-se de tal modo com Tertuliano e Clemente de Alexandria, que este último prescreve às mulheres o uso permanente de vestidos de luto, enquanto o primeiro censura severamente os homens que calçam sapatos bordados enfeitados. O uso de cabelos postiços, pérolas, jóias de ouro e de prata é declarado inconveniente e reprovável. Aliás, o homem que enfeita seu exterior, assemelha-se, dizem eles, "a êsses templos dos deuses egípcios que abrigam no seu interior gatos, jacarés e outros bichos."

Para os santos padres, o teatro também é "pompa Satanae". Proíbem aos fiéis visitarem êsses antros do diabo, que apresentam como um objeto de voluptuosidade sedutora, o que é proibido. E' essencialmente por motivo dessa repulsão ao teatro que os cristãos foram considerados pelos romanos como um povo sem alegria e medroso da luz.

À medida, porém, que o cristianismo, depois de ter sido uma pequena comunidade de sonhadores, se transformava em igreja universal, em "ekklesia katholike", via-se forçado a fazer sucessivas concessões às fraquezas da massa e a diminuir suas exigências na mesma proporção. Na verdade, o ideal da conduta cristã se mantém também no catolicismo com todo o seu rigor; mas, com o correr do tempo, a observação integral dêste ideal passa a ser apenas exigida duma elite de sacerdotes, monges e santos, ao passo que, para a maior parte dos fiéis, admite-se e tolera-se certo grau de fraqueza inevitável, devido à sua condição de criaturas.

As máximas de Cristo relativas à perfeição daqueles que vivem no celibato, distribuem seus haveres e seguem abnegadamente o Salvador, não são agora consideradas como mandamentos obrigatórios e sim como "conselhos evangélicos", que devem ser seguidos somente por aqueles homens que sentem vocação para levar uma vida santa. Dêste modo, a condição de menor perfeição passa a ser sancionada pela religião, desde que haja vontade séria de alcançar à maior pureza praticamente possível. Assim, uma derrota ante a força dos instintos não entrega mais irremediavelmente o homem fraco ao temor irremediável do inferno.